

A COMEDIA SOCIAL

ANO DO JANEIRO, 15 DE SETEMBRO DE 1870

A vocação de Patty.

CAPITULO I.

(Continuação.)

— Ah, disse ella, retrahindo-se, «isto é uma coisa tão boa da sua parte. Eu não sou uma desconhecida, e sim devo ser sempre uma amiga tua.»

Assim fui obrigada a beijar-a de novo. Quando nos encontramos de manhã, ella offereceu-me a face logo, dizendo:

— Bons dias, cara amiga.

Cousa extravagante de dizer-se, **quando** mais eu a amava, tanto menos Roberto gostava d'ella. O caso é que os homens gostam de ser lisonjeados. E a extraordinaria franqueza estava sempre toda cheia de maneiras galantes, cortizes, e só tratava Roberto de um modo cereamentoso, e meio desdenhoso.

— Como pôde pensar que ella era bonita? dizia Roberto. «O seu nariz é a coisa mais arrebitada que tenho visto?»

— E o seu nariz não é bonito?

— E não é arrebitado para você, como faz comigo?

— Comossa ella pôde sentir-se de nariz! Mas Roberto chegou a vez que ella não tinha maneiras estranhas só com elle. O seu narizinho mostrava-se arrebitado para todos os **homens**.

Quanto a nós: mulheres, amavam-na caramente como ella nos amava. Era a mais meiga, alegre e mimosa menina que já vimos existira. Como tínhamos em tempo algum vivido sem ella, não podíamos comprehender agora.

— Patty disse Roberto, o senhorio está apaixonado!

— Ah! pobrezaza de mim, Roberto! Como você me assusta! Quem é a senhora? É a filha mais meiga do duque ou a fidalga Annabelle?

— Nem uma nem outra; é Mimosa.

— Ora Roberto!

Mimosa era o nome que davamos á meiga menina. O seu nome real era Francisca-Ángela do Chaim. A mãe era inglesa, filha do antigo atropelado pelo imperioso cavalheiro crânio do senhorio. Aquella chamava-se Fanny. Isso em um nome muito prosaico para nós. Começamos por Fanny, mas logo passámos para Mimosa.

— O senhorio apaixonado por Mimosa! Como se eu não tivesse visto isso antes de você, Roberto!

— Talvez você devesse ter visto, talvez tivesse visto, se ella não me houvesse confiado o seu amor.

— Meu caro Roberto, que esplendido casamento! E a guarda nemim lá se vai.

— Patty não pega a cabeça. Elle ficou apaixonado desde o primeiro dia, e quoria fazer a proposta no ponto...

— Ora Roberto!

— E todos os dias d'ahi em diante; mas não sabe como haver-se; ella é tão reservada e tão acanhada com elle.

— Ah, trizo do mim! Roberto, deve-se mudar isso. Se ella fosse apenas como Sara Joannu, óh!

— Se fosse como Sara Joannu, o senhorio não se teria apaixonado por ella!

— Está bem... não. Ah, Jesus! Mimosa viver não comosso, Oh, meu caro Roberto! Que felicidade seria tal casamento!

— Ainda não sabemos. Talvez Mimosa não queira aceitar o senhorio.

— O meu coração teve como um susto, pois me verdade; ella parecia antipathisar com os homens, assim como muitos pessoas têm antipathia aos gatos. Só ultimamente começara a descobrir que Roberto maldo tinha de injicção consigo.

— O seu Roberto, dissera-me ella, e é linda, tão bonita! Farei tudo o que puder.

— Talvez Roberto não considerasse isso um compromisso, e com receio de semelhança cousa, eu não lhe disse.

— Mas em todo o caso, tendo Mimosa lhe concedido a sua affeição, dava-lhe agora privas tão abundantes, que ainda uma vez omeçou elle a julgá-la a mais linda menina que em tempo algum vira.

(Continua.)

ESCOLA POPULAR.

Dialogo entre Julio e Marcos

Julio: — Ah! Marcos, o prometido é devido, dá o adagio, e, portanto, vamos á explicação que me prometeste. Se, porém, claro e preciso, porque quero poupar-me ao trabalho de reflectir e meditar, coisa para mim extremamente fastidiosa e prosaica.

Marcos: — Disse-te eu que a somma ou remião dos impostos indirectos e directos constitue o orçamento do receita do imperio, o qual no anno financeiro de 1870 a 1871, segundo o relatório do ministro da fazenda, anda em mais de 91,000,000,000.

Julio: — Bonito somma! Quem não dera, não amavelmente; mas por uma vez somente. E o que se faz de tanto dinheiro?

Marcos: — Dir te-hei, em primeiro lugar, o que se faz para fazer, e em segundo, o que effectivamente se faz. Em theses, os impostos são uma necessidade que os povos devem satisfazer sem murmurar. Sem o seu producto, o governo não poderia cumprir os multiplos e variados deveres que lhes pesam sobre os hombros. Com a totalidade das quotas, que pagam os cidadãos de todas as classes da sociedade, é que os governos garantem a segurança da vida e da propriedade; dão boas vias de communicação terrestres, fluvias e maritimas; dão instrucção ao povo; garantem a liberdade do voto; animam e protegem as bellas-arts, as lettras e as sciencias; promovem o desenvolvimento e prosperidade da nação.

Julio: — Tal! tal! tal! Espera, toma folga, homem! O que estás áhi a dizer-me? Segurança da vida e da propriedade... boas vias de communicação... desenvolvimento e prosperidade da nação, liberdade do voto... Onde é que ha tudo isto, meu charo? Na Rússia? Na Turquia? No Japão? Na China? É possível que por lá haja d'essas cousas; entre nós, não.

Liberdade do voto... Iria... Marcos: — Não sejas solegro; estou dizendo, como te prometi, o que se devia fazer, para dizer-te em seguida o que effectivamente se faz.

Julio: — Não me lembares; continua, Marcos: — Já ves, que senão as cousas, como acabo de expor, os impostos são indispensaveis e formam a base da felicidade das nações, etc.

Julio: — Ora enfim! Ah! vem o tal se que vai descortinar, creio, a parte verdadeira do quanto que estás esboçando.

Marcos: — ... se os governos os dispendessem e gastassem gastos pelo patriotismo e pela consciencia do dever. Em lugar, porém, de procedermos d'esta maneira, seguem caminho diametralmente opposto, como todos presenciámos. Não ha segurança da vida e da propriedade; não ha boas vias de communicação; o povo, que é a força viva da nação, jaz na mais profunda e censuravel ignorancia; não ha liberdade do voto...

Julio: — E os 91,000,000,000? Marcos: — Sabem effectivamente do thesouro, evaporam-se, não só ellas porém mais alguns milhões, porque os taes saldos, que alguns ministros apresentam nos relatórios, são, acredita, affectados do signal negativo. Os nossos representantes politicos,

que são em numero prodigioso, manda a verdade que o confessamos, compadecendo-se dos empregados que tem a responsabilidade dos dinheiros publicos, os livram d'allei por meio de mimasas e delicadas passas, que deixam a perder de vista Hermann, Alexander e outros prestadores de grande fama.

Julio: — Muito me contas, homem! Decididamente sabes muito de que vai por esta boa terra, e est'as querendo aprender contigo. Como, porém, não queres fatigar-te, e nem sobreavergar a minha intelligencia, que não é das mais fortes, como sabes, em outro dia continuemos nossa conversação.

Palavras de um democrata entusiasta.

(Lacordaire.)

Concedo, Srs., que estas idéas são bellas; toca-nos o pensar que quando os povos estão escravizados e corrompidos, ellas aspiram á libertação.

Mas áhi a historia pronunciou-se diversamente do coração do homem. Ensina-nos ella que as nações catadas no servilismo não desejam a liberdade.

Assim como o apostata da verdade a amaldição, assim o apostata da liberdade, o povo que a perdeu por sua culpa, e sempre se perde por culpa própria, não aspira a recuperá-la. Sofre, está avilado; mas para sentir sua desgraça e reconquistar o bem que perdeu, ser-lhe-á mister um coração de homem livre: ella não o tem. O povo escravizado ama os beausanos do servilismo e teme os encargos da liberdade, sobretudo daquella que já não possui e que não cata ao compra. Surte-lhe muito preciso desprezar até a própria vida, estar pronto a lançá-la ao vento, uma vez que do seu morto sentir-se algum ensaio, o que seu ultimo sópo auxiliasse de longe á libertação e á honra.

O povo escravo não conhece este heroismo e talvez mesmo o desprezo.

Em toda a parte onde o homem se quer vender, achu comprador; em toda a parte onde se encontram cotagens de escravos, formam-se senhores, quando ellas já não existem feitas.

Elles (os povos afeitos ao servilismo e á corrupção) não apresentam a libertação, e assim o preço de sua alma e de seu corpo, e consideram-se sufficientemente pagos da objecção da escravidão pelo ataque do vicio. Tal era o estado do mundo Romano.

Jesus Christo, é verdade, lhe trazia a liberdade, mas com a virtude e pela virtude.

A condicção era pezzada de mais para elle; não accitou a transacção proposta.

Jesus Christo teve contra si a paixão do servilismo em vez de torpor si a sede da libertação. E tal é ainda hoje a situação de sua Igreja na terra. Conquanto favoravel a todos os interesses legítimos que compoem a gloria do homem e a liberdade das nações, ella suscita incessantemente contra si, sob o nome mesmo da liberdade, os instintos do servilismo. Pode-se-lhe a licença e puzer-se-lhe a oppressão; é o grão da natureza em todos os tempos. Recusando-as ambas, hoje como outrora, ella satisfaz sem duvida as verdadeiras necessidades do homem, mas fal-a á maneira do Deus, por uma força que se impõe e por um beneficio de que ninguém pôde reclamar a gloria sem o benefeitor.

RECADOS DOS AMIGOS

Num wagon.

No meu posto, ouvido alerta, Dissimulando, eu passava Ante as uengas e os duros

Da cidade que me vira, e
E a minha república,
E do Brasil — ou sãmba!

Sábão, um novo Dromedário
Prometo dar de sobra e de
Nos amigos das reformas?
De que é realmente capaz
O LEÃO DA FLECHA,
Que deitou os velhos aos t!

E após psalmar sublimo,
Quasi diva a inspiração
Do general, declarando
A liberdade e a NAÇÃO
Essas entidades,
Segundo a constituição.

Após decantar os (e)itos
Presidenciais e do governo
Do marce da do pefeito,
Que, a duas amparas, sento
Haver, indli assim, tão pouco
Onde os seus metteram dentes.

Após fazer a apeloação
Das pediculas, platinas
Questões moças diplomáticas
E as pedras leoninas
Firmadas pelos autores
— Lá de cima — das propieões.

Após dar por pois e pedras
Pois douro vir a atual,
De temo mudando o orador
Dessa, com voz sepulchral,
Afim de provar a ausência
Hoje, entre nós, de moral.

— Veslo juiz de poetas
A Bacia, ou a favela,
Do passado e do futuro,
Papeteira e alpaguero,
Patriotas e estadista,
Patriotas de fatia.

Veslo juiz, sem segundo,
Encomendo a loch e instante
— (Wahim, depois da guerra)
Muito tempo e futuro,
Que, lá pouco, está metido
Plebeão ou ocripante!

Veslo juiz, outros muitos,
E servidos do estado
(ouças e guerra igualmente
Lendões, tempo arranjado,
Na evangelização — e
Quanto se há autorado!

Nesto paz, lindo joven,
Tudo esta burocracia
Que (carro) rumo parece?
— (Piares) lras e Madido
Vés o parvir a linha
Que a todos, há seduzibil.

— Muito bem! (disse um sujeito)
Quanto foi ouvido e real?
Mas... mandado, estranha vel
E mais que tudo... o falat
Procedimto das licenças,
Classe que de mais se faz mal!

— Muito bem! (disse meu irmão)
Cesse o mal pelo ruz
O patetico excoção
Se de malis e mortiz...
— O monopólio das becas...
Abraço! — abraço e paiz!

A escola do mungue.

O **problema** da subscripção, que se pretén-
dia destinar a uma estalada equitativa do Sen-
hor D. Pedro II e a que o **Sau Magestado** propria
e nobremente **quis** que se applicasse a cons-
trução de edificios apropriados para escolas
de instrução **primaria**, vai com effeito dar
á nossa capital um desses edificios cujo plano
já foi adoptado, devendo em pouco tempo
levar-se ao chão a construção.

A ideia não podia ser mais bella: é digna
do imperador.

O edificio segurado nos informam, é **pres-
sante** para, por tanto está na moda; em-
bora não possamos dizer, se se attenda a
dificuldade do clima.

O local é o que se destinava para **praça**
do mercado **junto** ao canal do matagal, e por
tanto **optimo** para os meninos bahienses e
aprendizinhos nativos na **baixa** do canal;
dizem-nos que foi isso que determinou a es-
colha daquelle lugar.

Ah! ah! não ha boarito sem senão!
Tanto tempo no canal! cheiro tão má na
atmosfera!

Mas para tanto ha remedio, e de tudo se
pode tirar partido.

Comta o indio cheiro os meninos tomarão
tabaco, e **quando** á lamma, nas horas de
maior vazante os meninos pescarão caran-
guezes.

O barracão.

LEONA POPULAR.

Por des vents d'autrefois,
Rêve, abêge; mais soûle,

RECORDAÇÃO.

Nuuzimpo de Saal'Aiani, meu irmão
Passou e burro e apodeou o boi,
Dirá o viator, vendo um destreço:
— Ahm do Muribô o lampô fui!

O Anão conchostro e o Cotegipe
Srauzá terra, prazá das liches;
So a lembança restou do dia
Do Te-Dowm, da collata e dos espantos.

Os IKSES seio braços nesse tempo,
O vator se abor do seu mariz,
E a cada canto, como um maguê,
Correnti de agua, fozça sua chafariz.

Com não bendições, évos futuros,
Essé governo activo e presidente!
Vô julgareis então qual melhor seja,
Se o juizo do burro ou do tal geniet!

Bilho me non he Dignid de Jumbá,
Quando agente vichêdo vover meus,
— Vêvo, d'as-bô-hô, conta l'uma desas lendas
De que nosas historias antas chitas.

— Quereis ouvia, meus fillos, diz a velha,
A anecdoto do genio Nariço?
Da prigrêza estupido na pedicão?
Ou da igreja do rolão papellô?

Foi no tempo em que o duque fo discurso,
No anno em que eu casei com vesso avô,
Fozis havia então, luchos fatlavam,
Mesmo um ticano do senado, entrou.

Cerri deviche, um sabio que mudava
Papell em ouro e pedra, e ouro em papell,
Tinha um genio encantado de maneira
Que por tudo fazia lill arancel.

Um pagô, muito amio e oportuno,
Do tal vize que fabrica a miro,
Recitou pra o doente do feticio
Clysters e mezinhas do thessouro.

Chegou malioz propositio um arapuzo,
Muito casuimto, muito brocê e curio;
Hirou no fim das cosas sacerdotis,
Secções lodos tres do deus Absurdo.

Diz o surdo: — Ém propositio nua (antada)
Acodo o outro: — É frisque nua pagode!
Brado o terceiro: — Helemisse bandada!
E lodos tres deois: — Mandá quem pode!

Toma o arapuzo a vami dos prodigios,
Suge do solo um caraceteio immenso,
Um cima papellô, fove a lambança,
Por se todos a ruz, feg e bom senso!

A Povo lapuzo, raça de mechoro,
Grinava pelas ruas o encantado,
A Vichê doim d'achiro quanto haste
Pracipia meu segri l'aque seogado, a

E os tapuzos vultuos vamo a luras,
E as bandeirotas, e a l'es-l'apuzo, e a l'alfuz,
A quemim dai ouro, infiro preço
Dos ouropeis, dislaro vil da pulha.

Chegou o dia, a milicia fozca as alas,
Vesdo nobruza e espandida, libre,
Rezamos padies, e fozca l'urja
Vê lodo attivo ali, que l'ora e de p.

lindo, rielinho, fô o melioro;
Dese: um anjo doscosos e braho an rei;
A Chama o l'ru povo, ignalio! e não se elle,
O quierito de f' d'izan não se l'.

E a voz do arapuzo e sortilegio,
Rome o tambor, eozada se o trandim,
Treme o d'achiro e o ruidu empal lidere,
E a l'ambança seozada em vmearrim!

Elis, melioris, a l'elaboro que p' sabia;
A todos, causou gedi e l'ardim ruz...
Ista, fô a penultima vez no mundo
Ere que um ro hotachio teve juizo!

— Woyssilho, f' o deviche, que foz elle?
— Woyssilho, multoim empal a urrua.
— Mo o genio, vorez — Morem d'arapuzo,
— E o surdo? — Esse ficou coza mesm' ruz!

Rasta, meus fillos; quando for-se embora
A neto de quem zêbo a pudela,
Irei de cont'avis o espantoso caso
Das tres victimas perdidas na policia.

O censo.

O regulamnto do censo deu de si mara-
vilhas!

Prova que nestes ultimos vinte annos;
O numero dos casamentos e dos nasce-
mentos cresceu naturalmente na cidade do
Rio de Janeiro;

O numero dos obitos diminuiu propor-
cionalmente;

Então para a cidade muito mais gente do
que sahio de lá;

O numero das casis é muito maior, e estas
se tomam cada anno mais caras, por que
não bastam para os habitantes da cidade.

E destes dados chegou ao resultado que a
população da cidade do Rio de Janeiro di-
minuiu pelo menos um terço do que era ha
vinte annos.

Consequencia: — em vinte annos têm-se
evaporado imperceptivelmente por excesso
de calor mais do que tantos mil pessoas na ci-
dade do Rio de Janeiro.

Outra consequencia, e esta parece mais
lógica: — *houve censo; mas não houve senso*

Theatros.

Temos agora no Rio de Janeiro as se-
guintes companhias theatras:

- Phoenix Drammatica;
- S. Luiz;
- Opera italiana (do Promissorio);
- Emprezza Vaillô (do Gymnasio);
- Emprezza Germana (theatro de S. Pedro);
- Em breve,
- Theatro Lyrico Francuz (do Alcazar);
- Permitti-nos uma pergunta:
— Quando teremos theatro na capital do
Império?

O QUE VAI POR AHI

Não nos falou chuvia durante alguns d'estes ultimos
dias, mas nem por isso deixamos de lançar a primeira
pedrada esmola municipal, fôz boa hora, fôz bo lado
leito! Desejamos que o exempli se tome conjuoso e
que as possas municipalidades, fagim alguma coisa em
prô da instrução publica. Mas para esta melhor
não seia bastante fôrça, não, caso mais ou menos espa-
çosa. É necessario attende-se a natureza do pes-
sado, os methodos do ensino, e cumpre alien d'isso, es-
crever l'ivros instructivos, e sobre variados, assun-
tos, liam temo formando o espirito e a criação do ju-
ventude brasileira.

Parece-me porém estar vendo mallogrados todos as
esperanças depositadas em a nova instituição.
Para direcho de l'iber-se-lim alguma legisla, depulada
provaavelmente, oho de preceder o de lançara e baldo
do senado. Os professores seio escolhidos por appo-
sicio, os ordenados provavemente seio mesquinhos, e
os honeris não paca e pouco perdendo o interesse pelo
ensino e colligiar-se-hão por fim, com emborão o orde-
nado no lim do cada me.

Folgaremos que não se realim tão tristes presen-
tamentos, e que este passo dêbê l'io sentido do meliorar
e progredir a instrução seja productivo de proficuo
e resultados.

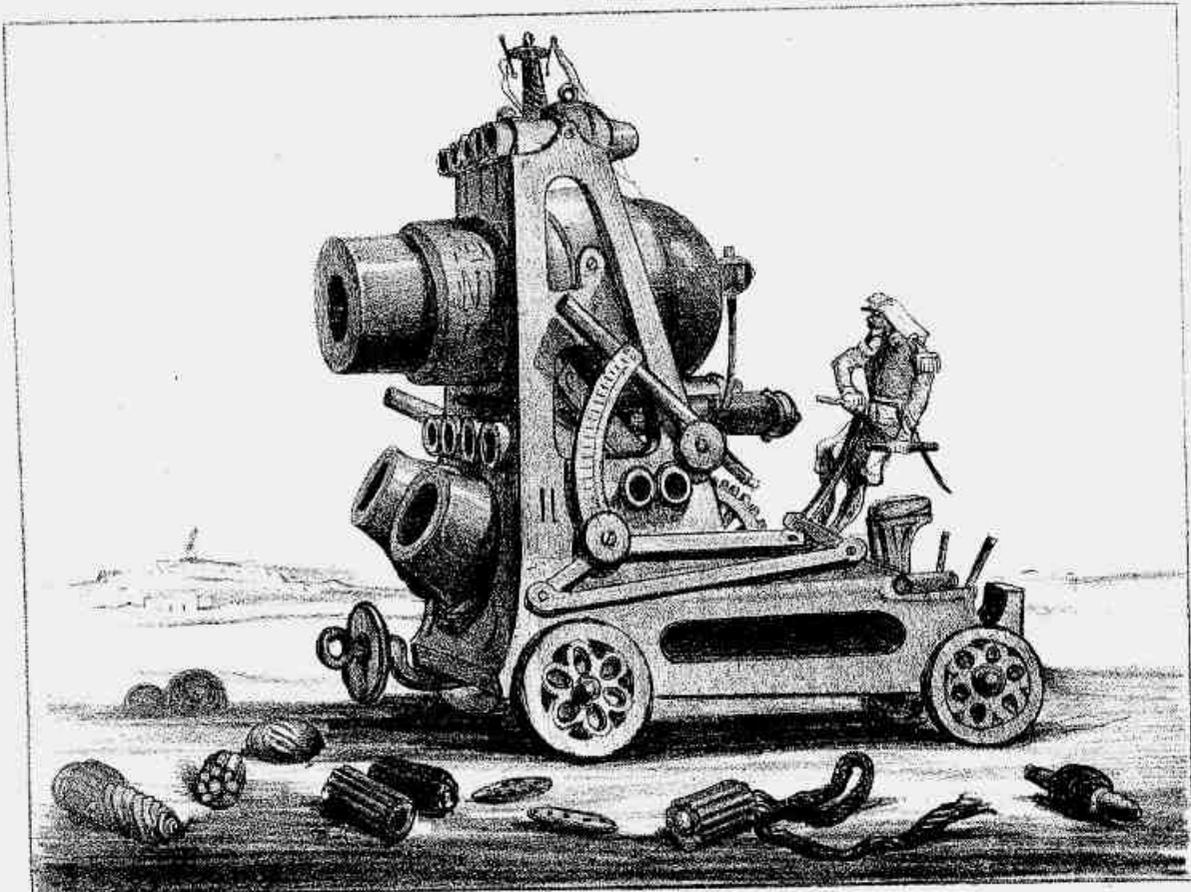
Assignada prodigiosamente a numero de casis de jogo
fôz bo cidade do S. Sebastião. Os annos do nobre se
actualmente as principaes divandades que presidem a
luz e l'ambos, **alguns** lugares jogase fortemente, e
chegava a l'aver-se mais de cem contos de reis. E
nada d'isso que a fraude e a má fé são compo-
nentes inseparaveis nas operações do banco, do l'asquel
e do roleta. Muitos jogadores que f'oz do dia não ro-
dando em brillante equipagem não hesitam nas trovas
do nobre em praticar quanto acto reprovado pôde haver
se com o lim de fazer trapacões com os collegas da meza
de jogo. Que faz a policia n'este meso tempo? Por que
não dá l'ia gra a para os banhos da rua do Ouabano,
ou ali, pela immediçao, do Passado Publico? (E
quando meozamos estes d'ous lugares apenas é por-
que entendemos que l'ia repressão do crime deve-se fa-
zer como aquello rei de Roma — começa pelas cabeças
mas, antes das papoetas). Que faz a policia? A policia
tambem joga desenfreadamente, e sob pena do suicidio,
vê-se na impossibilidade do repunir o crime.

O viciado segredo no Rio de Janeiro de estabele-
cerem-se muitos individuos com dinheiro emprouado, e
de fazerem despesas enormes, apenas começa o negocio
a dar alguns lucros, tem subito e continuo a ser uma das
principaes causas das l'ambanças frequentes n'esta capi-
tal. Houves sem viciado e tendo l'ambança, campon
missos enormes fazem despesas consideraveis, cada vez
ficam em maiores embargões e l'ia n'um helto dia quan-
do todos consideravamos l'io age da felicidade, des-
appareçam deixando os credores a ver navios, ou que-
bram, ou então fazem alguma das afamadas concor-
dacias.

Recebemos de S. Catharina o Cacique, folha noticiaria
e recreativa, e bastante interessante, e do Bahia o Bou-
levard, periodico dedicado ao sexo formoso. Agrade-
remos a remessa, e fazemos votos pela prosperidade
d'estes d'ous jornaes.

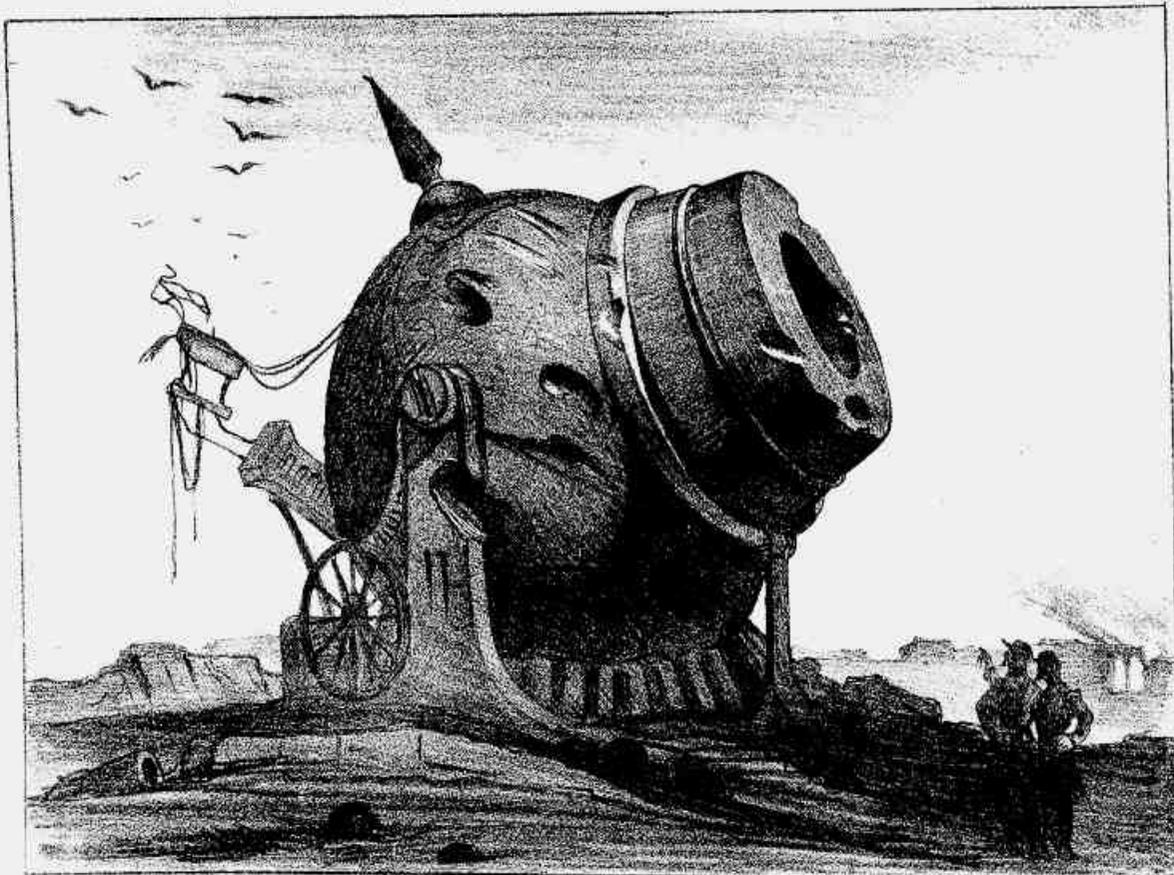
Actua-se ainda em estudo de grande abarantado a
nossa theatro. De ordinario se representam publicamente
grôficos pòdicos de pegos francuzes, ou enlras compo-
sicoes em que os actores, fazem tambem a costuma ser-
vos da moral immoralidade. Tais espectaculos, l'ia ver-
dade l'io de produzir um benefico effecto no espiri-
to das donzelas que a elles assistem, e tacs, actores
hem podim reclamar um privilegio para a propaganda
de ideias de corrupção.

Fitibus.



Metralladeira portátil do exército francez

Descrição: 1° cinco obuzes armstrong de grande alcance; 2° grande metralladeira de destruição (alcança 5 kilometros); 3° quatro peças reduzidas para ataque de cavallaria; 4° duas bombardadeiras de calibre 60 (alcança 6 kilometros); 5° (nos grandes orifícios lateraes) 12 morteiros alibias, destinadas a arrebentar todo o aparelho em ultimo caso; 6° tres, bombardas e balas-fuzis para incendiar o campo inimigo. (Extrato do manual secreto do artilheiro imperial.)



Grande metralladeira fixa

abandonada pelos Prussianos ao exército do Marechal Bazain, e trazendo os estragos da artilheria franceza. (Tirada de uma photographia de M. E. Landoew.) Ignora-se o uso de muitas peças. As explosões de cada bombarda lançada por este grande morteiro erão sobre modo fatos aos soldados aguerridos da Franca: por vezes cada uma dellas inutilizava à 6 e 7000, lançando metralladeira em todo o campo pela produção instantanea de diversas combinações fulminantes do cyanogenio